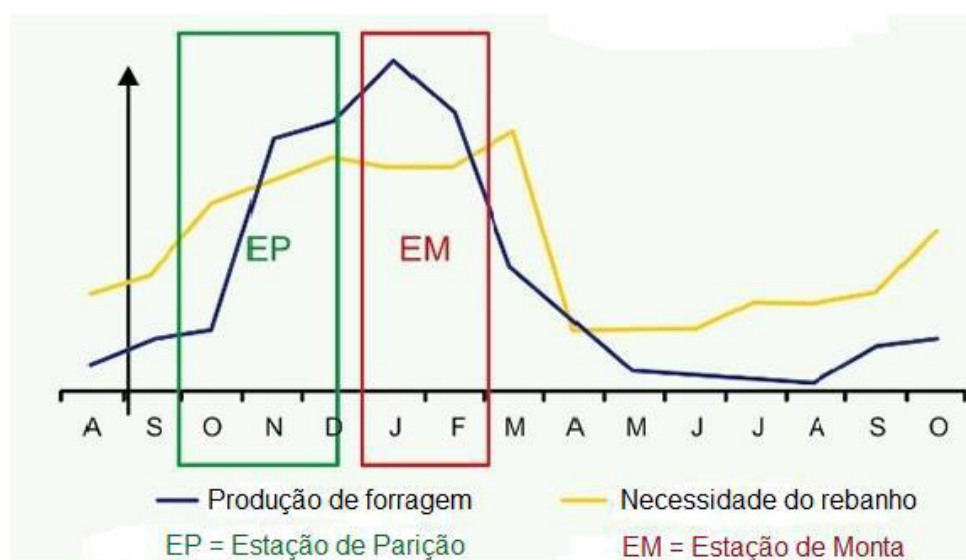


Manejo de Pastagem na Seca

O ajuste da lotação de acordo com a quantidade de forragem disponível é uma das grandes dificuldades de manejo dos pecuaristas. Isso ocorre pela oscilação da produção de forragem ao longo do ano de acordo com as condições climáticas que a pastagem é submetida: chuva, temperatura, radiação solar, etc.

Pode-se observar no Gráfico 1 como as Estações de Monta e Parição, que são os períodos em que as vacas estão mais exigentes em pastagem de qualidade, se concentram na época em que há mais disponibilidade de pasto. Durante a estiagem, a menor disponibilidade de água no solo, juntamente com a diminuição do Fotoperíodo (período que a planta fica exposta à radiação solar), diminui a taxa de acúmulo de reserva do pasto, dificultando a sua recuperação após o pastejo e o pisoteio. Dessa forma, se a pressão de pastejo não for ajustada, o pasto passará a apresentar áreas de solo descoberto, o que pode ser decisivo para desencadear o processo de degradação da área com a ocupação da pastagem por plantas daninhas e também erosão. Além dos animais acabarem perdendo condição corporal, o que é prejudicial em qualquer categoria.

Gráfico 1. Curva de produção de forragem no Brasil Central aliada a necessidade do rebanho.



Por isso, um dos pontos cruciais a serem contemplados numa propriedade é o planejamento alimentar do rebanho para a estação seca (inverno), onde o manejo de pastagem é fundamental para uma boa utilização dos recursos forrageiros, com o objetivo de atender adequadamente as necessidades da produção. Esse planejamento deve ser feito de forma a se enquadrar no histórico de chuvas da região, visando a desocupação da pastagem para que a mesma possa acumular reservas para o período de seca.

Uma técnica de manejo que tem sido muito empregada é o manejo de rotação de pastejo baseado em dias fixos que, apesar de facilitar o planejamento do pastejo, resulta na ineficiência do sistema, uma vez que, dependendo da época do ano e das condições vigentes de crescimento, pode ser curto demais, o que levaria a desperdícios de produção de forragem; ou longo demais, o que resultaria em perdas de quantidade e de qualidade de forragem.

A prática que tem apresentado melhores resultados é o manejo de rotação de pastejo baseado na altura do pasto, onde semanalmente, utiliza-se uma régua (Figura 1.) para medir a altura dos pastos que estão em descanso para prever o número de dias necessários para que o próximo piquete da sequência esteja em condição de receber os animais. Caso o produtor não tenha a régua existem outros métodos para medir o pasto que podem se ajustar no dia-a-dia do funcionário, como medir a altura no cavalo para ele não ter que descer ou pintar algumas cercas na altura de entrada e saída.

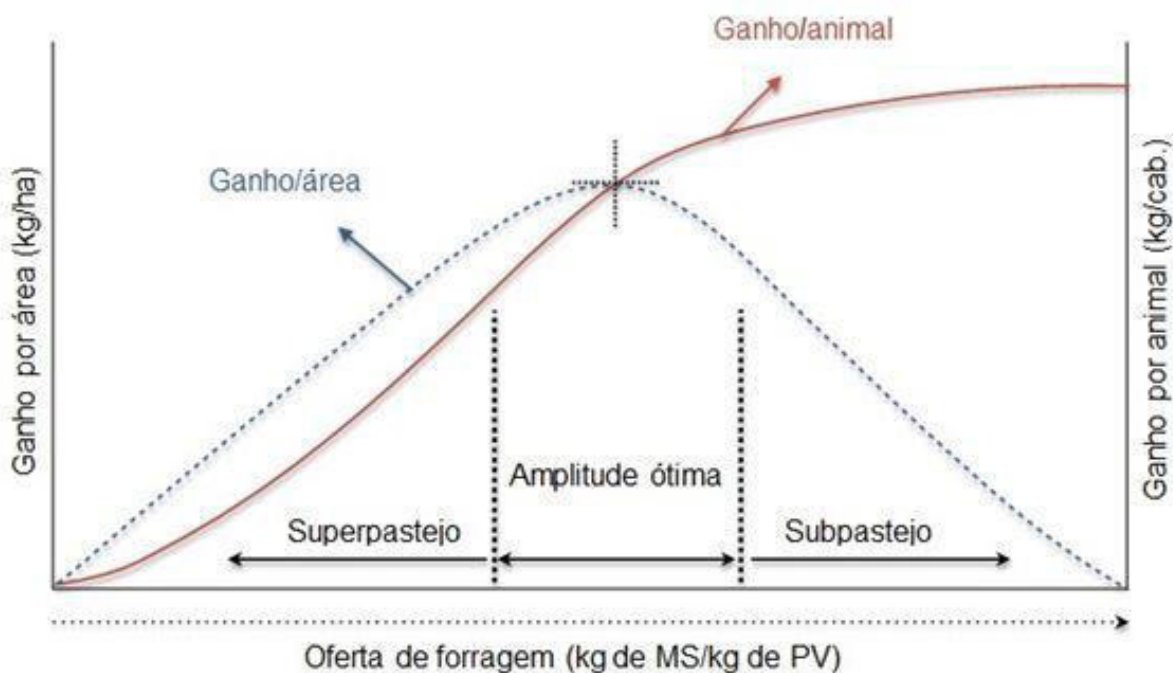
Foto: Kadijah Suleiman



Figura 1. Medição da altura do pasto com régua.

Essa previsão deverá ser usada para definir o período de ocupação do piquete em uso e assegurar que o término do pastejo em um piquete coincida com o início do pastejo no próximo piquete e assim sucessivamente. Utilizando-se dessas recomendações espera-se um ganho de peso diário dos animais entre 650 e 800 g (média geral das forrageiras no período das águas). A taxa de lotação depende do acúmulo de forragem no período e deve se manter sempre em amplitude ótima de pastejo (Gráfico 2.)

Gráfico 2. Relações entre pressão de pastejo, ganho de peso por animal e ganho de peso por área.



Fonte: Adaptado de Mott, 1960.

Na Tabela 1 estão listadas recomendações de altura para entrada e saída de pastejo para alguns capins tropicais de acordo com as condições de maior (+) ou menor (-) fertilidade:

Tabela 1. Alturas médias (cm) do capim indicadas para a entrada e saída dos animais em sistema de pastejo sob lotação rotativa.

Alturas médias (cm) indicadas para entrada e saída de pastejo dos animais.

CAPIM	Entrada	Saída (+ fertilidade)	Saída (- fertilidade)
Brachiaria			
<i>Decumbens</i>	20	5	10
<i>Humidicola</i>	20	5	10
<i>Marandu</i>	25	15	20
<i>Piatã</i>	35	15	20
<i>Xaraés (MG-5)</i>	30	15	20
CAPIM	Entrada	Saída (+ fertilidade)	Saída (- fertilidade)
Panicum			
<i>Aruana</i>	30	10	15
<i>Massai</i>	45	20	30
<i>Mombaça</i>	90	30	50
<i>Tanzânia</i>	70	30	50
<i>Zuri</i>	75	30	40
Andropogon			
<i>A. gayanus</i>	50	25	35

Fonte: Degradação de Pastagens – Moacyr B. Dias-Filho, 2015.

A baixa produção de forragens durante a seca, tem sido apontada como um dos fatores que contribuem para a deficiência na produtividade dos rebanhos, sendo responsável pela queda acentuada de produção leiteira, perda de peso dos animais de corte e grande redução na capacidade de suporte dos pastos. Sabe-se que a diminuição do ganho de peso dos animais no período da seca fica em torno de 60%, isso quando o animal não perde peso, o que pode se tornar uma condição crítica, pois com a volta do período das águas ao invés do animal ganhar peso, na verdade ele está “recuperando” o que perdeu no período da seca.

É importante entender que, se o animal mantém o peso ou tem pequenos ganhos na seca, já é uma grande vantagem, tendo em vista que os ganhos com a volta do período das águas serão muito maiores. Quando uma pastagem não recebe o manejo adequado para suportar o período de seca, o produtor corre o risco de não ter forragem suficiente para fornecer aos animais tanto na seca, quanto no retorno das águas, pois o pasto pode não ter reservas suficientes para rebrotar, dando início a um processo de degradação, ou seja, no final “o barato sai caro”.

Além das práticas já citadas acima, existem outras alternativas de suplementação que também podem ser empregadas no intuito de “desafogar” o pasto para melhorar o desempenho animal, dentre as quais podemos citar: Ração Formulada, Sal Proteinado, Ureia, Silagem, Feno, etc. Algumas outras medidas como a venda de animais, contratação de boitel e arrendamento de pasto, dependendo dos custos podem ser viáveis, não só pensando no âmbito financeiro, mas também na intenção de preservar a pastagem para os próximos anos.

Por fim, é certo que, tanto os cuidados com os animais, quanto o manejo adequado da pastagem já se tornaram há algum tempo, práticas indispensáveis para se obter a prosperidade da fazenda, sobretudo nos dias atuais, onde o produtor que não intensificar sua produção, se adequando às novas tecnologia e aplicando-as de maneira sustentável, corre sério risco de ficar para trás na frequente busca pelo aumento da produtividade.



Referências Bibliográficas:

BERNARDINO, M. D. Degradação de Pastagens: Processos, Causas e Estratégias de Recuperação. 4ª edição. Belém, PA: MBDF, 2015. 215 p.

Froés, A. Garcez Neto. Suplementação de Bovinos em Pastagens: Uma Abordagem Mecanística, Viçosa – MG, 2000;

Helena, R. Branco. Degradação de pastagens. Diminuição da produtividade com o tempo. Conceito de sustentabilidade. UFV, Viçosa - MG, 2000;

MOTT, G.O. Grazing pressures and the measurement of pastures production. In: INTERNATIONAL GRASSLAND CONGRESS, 8., 1960, p.606-611.

Pacheco, Valéria B. Euclides. Artigo: Manejo do capim-mombaça para períodos de águas e seca. Embrapa Gado de Corte;

REIS, R. A. et al.; Suplementação protéico-energética e mineral em sistemas de produção de gado de corte nas águas e nas secas. SIMPÓSIO SOBRE BOVINOCULTURA DE CORTE, 5, 2004, Piracicaba. Pecuária Intensiva nos trópicos. Piracicaba: FEALQ, 2004. p. 171-226.

Disponível em: <http://www.sementesoesp.com.br/conteudo/14/1/arquivos.html> acesso em 09/11/2017